



A REPRESENTAÇÃO DO TRABALHO TEUTO-BRASILEIRO NA LITERATURA DE VIAGEM DA VIRADA DO SÉCULO XIX NO VALE DO ITAJAÍ/SC

Bruno Mandelli*

Resumo: este artigo discute e problematiza a representação do trabalho no início da industrialização do vale do itajaí, de 1880 a 1900, a partir do estudo da literatura de viagem das últimas décadas do século XIX e começo do XX. Analisa a formação da ideologia do teuto-brasileiro, enquanto construção histórica, que afirma a existência de uma superioridade do trabalho imigrante em relação a outras etnias.

Palavras-chave: literatura de viagem; vale do itajaí; teuto-brasileiro.

THE REPRESENTATION OF THE GERMAN-BRAZILIAN WORK IN LITERATURE OF TRAVEL IN THE TURN OF THE XIX CENTURY IN ITAJAÍ VALLEY/SC

Abstract: this article discusses and problematizes the representation of the work at the beginning of the itajaí valley industrialization, from 1880 to 1900, based on the study of travel literature from the nineteenth century last decades to the beginning of the twentieth century. It analyzes the formation of the German-Brazilian ideology as a historical construction, which affirms the existence of a superiority of immigrant work in relation to other ethnic groups.

Key words: travel literature; itajaí valley; german-brazilian.

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, membro do grupo de pesquisa Trabalho, Sociedade e Cultura.

Introdução

Na historiografia catarinense, prevaleceu ao longo de décadas, uma versão oficial da história que privilegiava a história dos grandes homens e personagens. Políticos e empresários se sucedem na narrativa histórica de Santa Catarina, construída linearmente, de forma que o presente aparece como uma representação das vitórias políticas, econômicas e militares do passado.

Além de grande ênfase aos fatos políticos e militares, estas obras apresentam grande preocupação com nomes ilustres, políticos, empresários, religiosos, com biografias e cronologias referentes a estes personagens. São estes os sujeitos desta forma de se escrever a história.¹

Na escrita da história do Vale do Itajaí/SC, é recorrente em várias obras a figura do “empreendedor imigrante” nas narrativas que remontam às origens industriais. Desde teses acadêmicas a discursos de políticos, o mito do “sucesso” do empresário imigrante, sempre aparece como um processo que teve como ator a figura do pequeno industrial que, sem capitais, através de seu “espírito empreendedor”, da sua ética, do seu trabalho ao longo da vida e da sua moderação, galgou uma posição social privilegiada na sociedade. Desse modo:

O Sul só teria conseguido atingir níveis e índices atuais em função do imigrante, especialmente dessas etnias, dadas suas laboriosidade e abnegação (...). Em torno dessa temática é frequente uma historiografia regional, exaltando o papel dos pioneiros. No entanto, na maior parte das vezes, não há preocupação crítica, analítica, e na ausência dessa perspectiva, elaboram-se verdadeiras apologias, fortalecendo o **mito do pioneiro**. Assim, cai-se facilmente num determinismo personalista, no qual o triunfo se deveu à “fibra dos pioneiros”, e, em função dessa qualidade, só restaria o **sucesso** e nunca o fracasso.²

Em muitos desses casos, a visão do empresário imigrante está associada a diversos fatores socioculturais, como o conceito de “teuto-brasileiro”, identidade construída historicamente para reforçar a existência de elementos heteronômicos em uma sociedade monárquica e escravocrata.

¹WOLFF, Cristina S. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. *Revista Santa Catarina em História*. Florianópolis: UFSC, v. 1, n. 1, 2009, p. 4.

²KLUG, João. Imigração no Sul do Brasil. In: *O Brasil Imperial. Vol. II (1870-1899)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 201-202. (grifos meus).

Desse modo, as teses a respeito da industrialização do estado de Santa Catarina, em particular do Vale do Itajaí, destacam como ator histórico o empreendedor teuto-brasileiro, herdeiro de características psicossociais de sua pátria de origem, entre as quais, segundo Hering (1987), “a necessidade de libertar as energias criadoras, o ímpeto de lutar, a vontade de conquistar, de alcançar êxito, de encontrar um reino privado”³.

Essa visão do desenvolvimento econômico como um processo idílico, no qual alguns poucos homens aparecem como pioneiros da épica industrial, pode ser assemelhada de certa forma ao “mito fundador” analisado por Mircea Eliade:

(...) o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do "princípio" (...) É sempre, portanto, a narrativa de uma "criação": ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que **realmente** ocorreu, do que se manifestou plenamente⁴.

Desse modo, a narrativa da industrialização do Vale na historiografia de Santa Catarina, remonta às origens dos fundadores das primeiras indústrias, reforçando uma visão individual de um processo social. Portanto, nosso interesse neste artigo está em compreender a necessidade histórica da existência e da construção social que permite e alimenta a ideia de que o desenvolvimento econômico do Vale foi resultado da ação dos “capitães de empresa e técnico inventores teuto-catarinenses”⁵.

Especificamente no contexto da colonização do Vale do Itajaí, no final do século XIX e início do XX, utilizamos do conceito de empreendedor étnico para se referir ao teuto-brasileiro, que “designa aqueles que formulam e administram ideologias e observam como as situações são definidas ou reforçadas para sua vantagem”⁶. Para reconstruir essa história, utilizaremos como fontes a literatura de viagem da virada do século XIX para o XX.

³HERING, Maria L. R. *Colonização e indústria no vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: Editora da FURB, 1987, p. 86.

⁴ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 50, grifos meus.

⁵COSTA SOUTO, Américo A. *Industrialização de Santa Catarina: o vale do Itajaí e o litoral de São Francisco, das origens ao mercado nacional (1850-1929)*. In: Ana Brancher (org.) *História de Santa Catarina: estudos contemporâneos*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004, p. 115.

⁶SEYTHERFH, Giralda. A dimensão Cultural da Imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 26, nº 77, p. 56.

A partir do estudo dessas fontes, constatamos que os relatos de viajantes foram produções intelectuais destinadas a produzir e a elaborar uma concepção a respeito da colonização alemã no Vale do Itajaí. Em sua particularidade, estudamos a publicação de livros de viajantes que estiveram no Vale nas décadas de 1880 a 1900 e tiveram contato com a população local.

A utilização da literatura de viagem como fonte histórica em nossa pesquisa tem como características gerais aquelas apontadas por Míriam Moreira Leite em seu estudo sobre a condição feminina no Rio de Janeiro: “o caráter unitário e global de cada um dos livros, o fato de os autores dos documentos serem estrangeiros, de passagem pelo Brasil e sua condição de fontes primárias, que provocaram a produção de outros textos, em reação à sua publicação.”⁷ No convívio social estabelecido pelos viajantes com a população do município de Blumenau, destacam-se inúmeras percepções sociais que se tornaram memória. Conforme destaca a autora:

A percepção das condições de vida social do local visitado tende a aglutinar-se às demais informações e observações sobre a natureza e **o trabalho**, até chegar a uma apresentação global das condições de vida da população visitada que, para o autor e uma parte de seus leitores, parecia completa.⁸

Nesses termos, nossa busca pelo gênero de literatura de viagem como um “macrocorpus documental”, tende a recortar aspectos relacionados às condições de trabalho e de vida dos colonos; das suas relações sociais e das expressões ideológicas que afloram na documentação analisada. Um aspecto singular distingue o autor da documentação de viagem: “Por não estar envolvido e até desconhecer a história do grupo visitado, alguns dos autores viajantes conseguem uma lucidez na penetração das relações sociais, capaz de **fazer aflorar as contradições do sistema social**”.⁹

Os interesses alemães na província de Santa Catarina

⁷LEITE, Miriam Moreira. *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1984, p. 18.

⁸Idem, p. 18, grifos meus.

⁹Ibidem, p. 19, grifos meus.

No estudo da industrialização de Blumenau, grande parte dos autores parte do fenômeno da emigração da metade do século XIX – que, segundo um importante historiador, foi “o começo da maior migração de povos na História”.¹⁰ – uma vez que a grande emigração europeia do século XIX está intimamente articulada à industrialização. Os motivos que levaram milhões de alemães a emigrar foram semelhantes aos que levaram outros povos – italianos, poloneses, irlandeses – que foram marginalizados pelo processo de industrialização na Europa.¹¹

Desse modo, pode-se dividir a emigração alemã em duas fases: antes de 1880, marcada principalmente por uma “ausência” de desenvolvimento, em que as crises agrícolas de subprodução fomentam tal emigração aliada à crise política marcada pela unificação realizada na sétima década do século XIX, com a supremacia da Prússia imposta por Bismarck; e após 1880, em que o surgimento da indústria na Alemanha passa a absorver parte do exército industrial de reserva.

Segundo dados de Singer, a emigração alemã para Blumenau teria representado, em relação ao Brasil 26,5% nos anos sessenta, 16% nos anos setenta, 6,6% na década de oitenta e 14,1% na última década do século¹². Com o alvorecer do século XX, a Alemanha surge como uma das principais potências imperialistas do mundo.

No estudo dos relatos de viagem produzidas nas duas últimas décadas do século XIX, encontramos o livro de Hugo Zoeller, publicado em 1882, “Os Alemães Na Floresta Brasileira”. O autor foi encarregado pelo proprietário do jornal *Koelnischer Zeitung* a viajar pelas colônias de imigração alemã no Brasil para narrar as suas impressões.

Nesta época, havia ligação regular para a América do Sul através de vapores alemães que faziam a travessia pelo atlântico. Esteve em Blumenau e em Dona Francisca por volta de 1880, época em que Blumenau sofreu uma grande enchente, que nas palavras do viajante “assolou Blumenau e todo o Vale do Itajaí, assoreou de forma tal o leito que atualmente somente navios com um calado de 6 pés podiam passar a barra”.¹³

¹⁰HOBSBAWN, Eric. *A era do capital*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 295.

¹¹SINGER, Paul. Op. Cit., p. 87.

¹²SINGER, Paul., Op. Cit., p. 92.

¹³ZOELLER, Hugo. Os alemães na floresta brasileira. *Revista Blumenau em Cadernos*. Fundação Cultural de Blumenau, vol. 5, p. 139, 1990.



Na sua viagem, teve que esperar três dias em Itajaí, aguardando o vapor para viajar a Blumenau. Sobre os acontecimentos no porto de Itajaí, o autor assim relata: “No Porto, entre os trabalhadores que carregavam e descarregavam os navios, encontram-se brasileiros, alemães e negros, numa mistura colorida”.¹⁴

Na viagem para Blumenau, ao longo do rio Itajaí, o autor relata que “a terra em ambas as margens, até os limites da Colônia, é esparsamente povoada e pertence a alguns latifundiários que pouco se dedicam às suas terras e não evitam o povoamento de gente inútil.”¹⁵ Quem seria essa gente “inútil” a que o viajante se refere? Pode-se deduzir que seriam brasileiros, populações ribeirinhas, que viviam há muito tempo na região do rio Itajaí-açú. Segundo o viajante:

Todos os ranchos de madeira que de vez em quando se vê nas margens, não têm o menor direito sobre as terras que ocupam, mas nem o Imperador tem condições de removê-los. Esta gente vegeta com o que uma pequena parcela de terra produz sem muito esforço duma maneira indigna a um ser humano. É flagrante como o brasileiro pode viver duma maneira bem mais modesta do que o alemão.¹⁶

A visão de mundo de quem fala a respeito da população local, trás como pressuposto a relação à postura do civilizado diante de uma população atrasada, como já nos referimos na literatura de viagem analisada por Míriam M. Leite.

Já na colônia Blumenau, que é passada a condição de município em 26 de abril de 1880, o autor nos informa que a população é de 14.981 pessoas, das quais: 12.563 alemães e austríacos, 947 italianos e 1.467 brasileiros e em todo o Vale do Itajaí-Açú de 19.000 pessoas.¹⁷ A respeito da relação entre essas etnias, o viajante relata que:

Entre os colonos, os alemães nórdicos nominalmente os da Pomerânia e Mecklenburg são considerados como os mais capazes; e os menos capazes os provenientes de Baden, da região do Reno; e os tiroleses também e **há consenso que os italianos são os menos afeitos ao trabalho e os menos persistentes. Tudo isso constatei e posso confirmar.** Os pomeranos e meckleburg, em 6 ou 7 anos após o primeiro rústico rancho de palmito, têm moradias bonitas e limpas de enxaimel e vi italianos radicados na terra por muitos anos convivendo com crianças e suínos no mesmo recinto.¹⁸

¹⁴ Idem.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Ibidem, p. 141.

¹⁷ Ibidem, p. 141.

¹⁸ Ibidem, p. 144, grifos meus.

A relação entre os colonos de diferentes nacionalidades é comparada através da capacidade de trabalho, da relação de superioridade e inferioridade, e a habitação dos moradores é utilizada como parâmetro de comparação. Podemos auferir que, na literatura de viagem desse período, o trabalho atua como importante regulador social na relação estabelecida entre as diferentes etnias. Sobre os interesses dos colonos, de seu cotidiano, o autor afirma que:

É interessante penetrar nos interesses dos colonos: gira em torno dos porcos, bezerros, vacas, cavalos e carroças. Têm muito apego ao dinheiro e somente os sacerdotes conseguem seus intentos, ameaçando-os com purgatório. (...) Empregados, por exemplo, são uma raridade. (Em Santa Catarina paga-se o menor salário mensal 6.000 mil réis: 12 marcos).¹⁹

Notamos na narrativa de Zoeller certo desprezo pelos “interesses dos colonos”, que eram basicamente o cotidiano da vida no campo, no trabalho agrícola. Ficou mais evidente que a existência de empregados e trabalhadores assalariados ainda não é generalizada, devido, segundo o autor, ao mau salário pago pelos patrões. É de se analisar que as indústrias em Blumenau ainda se encontravam em fase inicial de instalação em 1880 e que a maior parte das atividades econômicas ainda eram primárias. Sobre essas indústrias, o autor descreve que:

Concernentes ao desenvolvimento industrial de Blumenau quero mencionar que não existem monjolos para socar milho (como usam na Colônia D. Francisca), mas, um número considerável de rodas d'água que observei em várias serrarias; que Blumenau fornece charutos e cigarros e que existem nada menos que 9 cervejarias trabalhando em ritmo semanal.²⁰

De acordo com os dados que temos hoje sobre a industrialização de Blumenau e os dados apresentados pelo viajante, vemos que as duas últimas décadas do século XIX foram de início da atividade industrial, contudo a maioria da população ainda trabalhava na lavoura. A recente atividade têxtil nem é mencionada, talvez pela sua pouca expressão. Em relação à emigração para o sul do Brasil e as expectativas dos emigrantes na sua futura pátria, o autor afirma que:

¹⁹ Ibidem, p. 144.

²⁰ Ibidem, p. 144.

A cada emigrante recomendo, três vezes, a ficar em casa. Se não pode ou não quer, digo-lhe: Enquanto não possuímos uma Colônia sob a bandeira alemã, enquanto tivermos que pisar em solo estranho, a América do Sul em especial, as províncias sul brasileiras, Rio Grande do Sul e Santa Catarina em particular, oferecem condições melhores para o progresso do que os EUA e bem melhores que a Austrália ou outro país que conheço. Precisamos almejar, em primeiro lugar, colônias alemãs sob a bandeira alemã que multiplicariam a glória, a grandeza do nosso nobre povo, nossa gloriosa pátria.²¹

Notamos na narrativa de Zoeller que, embora tenha como objetivo escrever para os seus compatriotas sobre as perspectivas de emigração, não se escondem em seu discurso as dificuldades que os colonos encontram nos primeiros anos de colonização que devem ser enfrentadas com o “trabalho pesado”. Aliás, para enfrentar esse trabalho, o autor recomenda:

O sul do Brasil é um campo propício para imigrantes agricultores e trabalhadores de fábrica que se acostumam ao trabalho do campo, sendo que no momento só pode absorver um pequeno número de imigrantes com alto nível cultural; estes teriam encontrado um campo propício nas Ilhas do Sul se estas tivessem se tornado um entreposto colonial alemão. Quem cogita imigrar para o sul do Brasil não deve cogitar em trabalho assalariado, porque raramente leva sucesso.²²

Mais uma vez a preocupação revelada pelo autor de que o trabalho fora da agricultura não era importante, sendo de pouca relevância no início da década de 1880. Aos trabalhadores fabris da Europa, o autor ressalta que se dariam bem, desde que se acostumassem ao trabalho no campo. Destaca que as províncias do Sul do Brasil são as mais aconselháveis para esse projeto e que: “O Brasil, de um modo geral, não é mais fértil do que a Europa. Seria pecado dizer que o país, como Deus o fez, traria em si perspectivas para um bom desenvolvimento se não dominasse na maior parte do país a preguiça, em lugar de um povo trabalhador.”²³

A questão do trabalho, da evocação do sentimento germânico e dos laços que unem o povo alemão em torno do trabalho, da eficiência, são componentes fundamentais para manutenção de uma ideologia étnica que recebeu no sul do Brasil o nome de *Deutschbrasilianertum* (teuto-brasilidade), e a circulação de pessoas entre Blumenau e a Alemanha, registrada na literatura de viagem, contribuiu para a expansão dessa ideologia.

²¹Ibidem, p. 148.

²²Ibidem, p. 154.

²³Ibidem, p. 148.

Giralda Seyferth (1982) estudou essa problemática na construção de um local “que ajudaram a criar a imagem de um lugar balizado pelos valores da germanidade (*Deuschtum*).”²⁴

A autora citada, que estudou esse período nos jornais dos municípios do Vale do Itajaí, refere-se a uma ideologia étnica teuto brasileira como idealização do “trabalho alemão” (nota de rodapé deveria estar aqui), procurando marcar uma diferença, considerada fundamental, entre os membros do grupo e os que não pertencem a ele.²⁵ Essa referência ao trabalho alemão como superior é destacado pela autora como forma de marcar diferenciação do teuto-brasileiro, especialmente no confronto com o “caboclo brasileiro”.²⁶

É importante considerar que essa ideologia étnica foi concebida e transmitida por intelectuais de origem alemã, a partir de uma época em que as relações interétnicas nas áreas conhecidas como de colonização alemã atingiram um período crítico: o final do século XIX e fazem parte de um esforço para educação do povo alemão a partir de valores compartilhados pelo nacionalismo e pela diferenciação em relação a outros povos.

Assim, a “teuto brasilidade” é um termo derivado do *Deuschtum*, cujo significado mais próximo é “germanidade”, e incorpora uma ideologia nacional alemã formulada no início do século XIX, e radicalizada, mais tarde, pelos pangermanistas da *All deutsch Verband* e pelos nazistas.²⁷ Na análise dos relatos dos viajantes que procuramos estudar, essa ideologia se encontra presente no período do final do século XIX e é compartilhada por um segmento da sociedade que pretende garantir a hegemonia nas relações comerciais e políticas. No conselho dado para os emigrantes que conquistem a cidadania brasileira, Hugo Zoeller afirma que:

É imprescindível que os **teuto-brasileiros** se “naturalizem” tornando-se cidadãos brasileiros a fim de preservar sua cultura e posição. Igualmente é desejável uma representação crescente nas Câmaras municipais e Assembleias Estaduais. (...) A propósito, em fevereiro de 1882 foi eleito pela primeira vez o comerciante Leppert, de Joinville. **Um terço das importações da Província de Santa Catarina é de origem alemã** e refuta de maneira flagrante o conceito de que uma crescente imigração, aumenta a exportação e seria bem maior se os portos naturais que servem às colônias alemãs, tivessem uma Alfândega para a liberação dos produtos importados. (...) As importações consistem principalmente em tecidos de lã e

²⁴SEYFERTH, Giralda. Op. Cit., p. 50.

²⁵SEYFERTH, Giralda. A representação do “trabalho alemão” na ideologia étnica teuto-brasileira. *Boletim do Museu Nacional – Antropologia*, nº 37, 1982, p. 1.

²⁶Idem.

²⁷Idem, p. 3.

algodão, armarinhos, porcelana, louça, máquinas, instrumentos musicais, utensílios agrícolas, sal, ferro, artigos de ferro, vinho, farinha de trigo, cerveja, drogas, carne-seca, etc.²⁸

Desse modo, o viajante considera importante a naturalização dos teuto-brasileiros, de forma que possam, mais do que manter sua cultura, participar cada vez mais dos espaços políticos do Estado, nas câmaras municipais e Assembleia Legislativa. A expansão da atuação política representou, sobretudo, interesses de uma classe comercial e industrial local que iniciava sua luta pela hegemonia dentro do Estado.

Em finais do século XIX, embora a emigração para a América não apresentasse o mesmo ritmo que em decênios anteriores, “representantes burgueses da opinião pública, empresários e políticos alemães no final do século 19 continuavam interessados em influenciarem o rumo de tal imigração”.²⁹ Tal interesse repousava, sobretudo, no potencial mercado consumidor que o Brasil representaria para as indústrias alemãs, uma vez que o comércio com os E.U.A. diminuía consideravelmente devido às políticas protecionistas adotadas pelo governo norte-americano.

O crescimento do comércio com o Brasil produziu, nesse período, uma circulação de mercadorias e capitais, que redundou na ampla divulgação da emigração como de interesse “geral do povo alemão”. Segundo dados do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, estimava-se que estavam vivendo cerca de 200 mil pessoas de língua alemã no sul do Brasil, sendo 80 mil em Santa Catarina, o que representava cerca de 20% da população do Estado.³⁰

Na virada do século XIX e início do século XX, podemos notar uma série de publicações, sendo um dos objetivos o de comemorar o cinquentenário da fundação de Blumenau. Ocorre neste momento uma “grande festa para comemorar os 50 anos da fundação de Blumenau”. Esta inscrição recorreu visivelmente a estratégias já antigas: a “festa”, como forma de reatualizar o passado; o “livro”, através de uma história escrita, como forma de produzir um passado comum ao grupo; o “monumento”, como forma de criar na paisagem o respeito às autoridades do passado (sempre representadas através de uma continuidade que as une com as autoridades do presente).

²⁸ZOELLER, Hugo. Op. Cit., p. 153, grifos meus.

²⁹RICHTER, Klaus. *A sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a Colonização do interior de Joinville e Blumenau*. Florianópolis: UFSC; Blumenau: FURB, 1992, p. 13.

³⁰Idem.

Com isso, houve na virada do século XIX para o século XX, um momento importante para a sociedade blumenauense e de todo Vale, uma vez que diversas ações foram concretizadas com o objetivo de criar uma história local e regional.

Na análise dessa literatura de viagem da virada do século XIX para o século XX, encontramos a obra de Robert Gernhard, *Dona Francisca, Hansa und Blumenau*, escrita em 1900 e publicada em 1901 na Alemanha. O autor, ex-redator do jornal “Reform” (Joinville), como tantos outros viajantes alemães que estiveram em Santa Catarina, percorreu as regiões de colonização germânica. As impressões desta viagem resultaram em um livro comemorativo do cinquentenário de Blumenau. O autor inicia seu livro afirmando seu propósito com a publicação:

A intenção deste livro é despertar na pátria alemã um caloroso interesse pelos nossos compatriotas, pioneiros da cultura alemã no sul do Brasil. A sua publicação é uma questão de honra, em virtude da minha convicção do interesse do **governo, povo e comércio** alemão em relação ao Sul do Brasil. (...) Os milhares de imigrantes alemães que procuram uma nova pátria encontram no Brasil espaço onde podem **preservar a sua cultura**, e uma permanência segura e com **suor, trabalho e assiduidade** chegaram à prosperidade relativamente em curto espaço de tempo.³¹

Notamos na narrativa do autor o interesse em estabelecer uma relação entre a Alemanha e o sul do Brasil, onde imigrantes “pioneiros” portadores da cultura alemã se estabeleceram. Além da intenção do autor em salientar a prosperidade das colônias em seu cinquentenário como forma de incentivar a emigração, percebemos em seu discurso o entrelaçamento de três componentes: o governo, o povo e o comércio alemão.

Isso reforça mais uma vez que o projeto de colonização do sul do Brasil representava para Alemanha, sobretudo, um poderoso mercado consumidor que, em poucas décadas, importaria manufaturas e máquinas do país de origem. Robert Gernhard estava preocupado em despertar o interesse do governo e do povo alemão na emigração para o sul do Brasil, uma vez que essa atingira seu auge na década de 80 e estava em declínio na última década do século XIX, como descreve:

Na Alemanha, entre 1870-1880, dominava o trabalho agrícola e o excedente de mão de obra elevou o número de imigrantes. Com o aumento da indústria e do comércio, ocorreu na última década uma metamorfose. Hoje a Alemanha é um país de

³¹ GENHARD, Robert. Impressões de viajantes. O Município de Blumenau (1900). *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XXXIX, nº 11/12, novembro/dezembro de 1998, p. 48, grifos meus.

subpopulação. A prosperidade é ascendente e por isso não há motivação física ou espiritual para uma imigração em grande escala.³²

Como é comum na literatura de viagem, o autor afirma que se trata de relatos verídicos, factíveis, para que possam convencer o leitor da sua argumentação, como na introdução do seu livro: “Meu livro, inicia tua caminhada pelo mundo! Divulga em tuas páginas, ao povo alemão as numerosas narrações verídicas, o **espírito empreendedor** e o **trabalho pesado**, que ao longo de cinco décadas foi criado na distante Santa Catarina.”³³

O reforço da ideia de “espírito empreendedor” e do “trabalho pesado” é desse modo, evocado como verdadeiro e portador de um discurso “verídico”, parte de uma experiência que fora vivenciada pelo autor em sua estadia em Blumenau alguns anos antes. A construção social dessa ideologia faz parte dos interesses capitalistas alemães, da expansão imperialista do final do século XIX e da disputa pelos mercados com outros países, como os Estados Unidos. Podemos notar na narrativa de Gernhard a preocupação com a crescente disputa imperialista por mercados consumidores e a posição da Alemanha nessa disputa:

O sul do Brasil é um campo ideal para a aplicação de capital e as experiências comprovam que viagens de recreio para o além-mar, culminaram em investimentos de capital. Os capitalistas americanos estão se mobilizando com a habilidade e energia que lhes são características, no sentido de aplicar no sul do Brasil, adquirindo enormes áreas aptas para a colonização, e obtendo concessões de ferrovias e minérios, etc. A Alemanha deveria seguir o exemplo, fazendo uso de uma expressão popular: “O norte-americano nunca afia sua ferramenta sem água”. Ainda está em tempo para a **Alemanha antecipar-se aos norte-americanos**. A grande população de língua alemã no sul do Brasil aceitará com facilidade o capital alemão e formará aqui uma base de expansão para todo o Brasil. A marcha vitoriosa poderia partir do sul para todo o país.³⁴

Visualizamos no desenvolvimento do livro de viagem de Robert Gernhard, portanto, o encadeamento entre a germanidade, como sentimento nacional alemão, a superioridade do trabalho e o interesse imperialista em expansão, o que reflete uma ideologia que fazia parte do esforço de convencimento tanto dos emigrantes que saíam da Alemanha em direção ao sul do Brasil, quanto dos próprios colonos que já habitavam e trabalhavam nos municípios do Vale do Itajaí, que deveriam “aceitar com facilidade o capital alemão”.

³²Ibidem, p. 49.

³³Ibidem, p. 51, grifos meus.

³⁴Ibidem, p. 51, grifos meus.

A relação entre identidade étnica e progresso econômico é evocada, portanto, em vários relatos da época e dão uma clara ideia de superioridade econômica, que se reveste de um elemento étnico germânico. O discurso do trabalhador incansável, pelo viajante em seu livro, é reforçado como aspecto positivo como um modelo de conduta a ser valorizado: “Nas casas dos colonos encontramos gente satisfeita. Ex-jardineiros, criados, pessoas com mãos fortes e calejadas se dão bem aqui.”³⁵ A metáfora sobre as mãos “fortes e calejadas” se refere, portanto, ao trabalhador exemplar que cultiva a ética do trabalho pesado. Desse modo:

A superioridade do trabalho alemão fica, pois, vinculada à “particularidade, ao “caráter” e à “herança cultural” do povo alemão, trazidas e mantidas pelos imigrantes – e as quais estes devem seu “êxito econômico”, sua “força vital” (...) Neste nível de discussão, a categoria “(luso) brasileiro” é definida negativamente e em oposição à categoria teuto-brasileiro – tendo como ponto de referência comparativo o “trabalho alemão”.³⁶

Percebemos, também, que a propaganda de emigração e de investimentos financeiros no vale do Itajaí resultou em negócios de exportação e importação, uma vez que os comerciantes locais se beneficiaram dessa relação. Notamos em Genhard (1998) a preocupação na relação comercial com o Brasil, principalmente na exportação de máquinas e equipamentos, a indústria pesada, ao passo que a Alemanha poderia importar manteiga e cessar a importação da Dinamarca.

O mito do pioneiro é auferido na mesma medida em que os seus descendentes seguem a mesma linha. A junção dos valores da *Deutschbrasilianertum* com a dominação econômica das principais atividades de produção e comércio locais – ou seja, a hegemonia econômica da produção e reprodução da vida material – produz uma ideologia da superioridade do trabalho alemão, que serve para se diferenciar de outros grupos e, posteriormente, enquanto idealização de verdade, justificar o sucesso econômico de algumas regiões, como no caso do Vale do Itajaí que fora causa e consequência exclusiva do empresário imigrante.

Essa ideologia da superioridade germânica associada ao trabalho perpassa o discurso do relato do viajante do século XIX, mesmo de outras nacionalidades. Em outro livro de viagem, *Le Colonie Italiane nel Brasile Meridionale: Stati di Rio Grande do Sul, Santa Catharina, Paraná*, do italiano Ranieri Venerosi Pesciolini, publicado em 1914, o autor

³⁵GENHARD, Robert. Op. Cit, p. 54.

³⁶SEYFERTH, Giralda.Op. Cit., p. 14.

destaca uma parte para tratar da relação da população italiana e da população alemã, em que afirma:

Atualmente o maior grau de prosperidade e de progresso civil entre as coletividades é atingido pelos alemães. Esta população estabeleceu-se muito tempo antes da nossa e chegou com uma poderosa e metódica preparação. O trabalho dos emigrados alemães sempre teve a ajuda do elemento dirigente e do capital. Desenvolveu-se em colônias já preparadas com **projetos alemães** e viabilizadas com **capitais alemães**. Entre eles o analfabetismo era quase nulo. Contrariamente, os nossos imigrantes, trabalhadores rurais, em grande parte, analfabetos, vieram sem dirigentes e sem dinheiro. (...) É bem verdade que, por ora, nas colônias alemãs, se encontra o maior bem-estar. As casas são bem mantidas. A população é mais civilizada e mais instruída. Mas a ignorância em que vivem muitos colonos italianos, de casas mais pobres, de vida mais modesta, deve-se ao abandono em que foram deixados, sem escolas e sem ajuda. Tais condições representam apenas um aspecto transitório, que facilmente se modificará com o desenvolver do progresso econômico e com a difusão da instrução. Ao observarmos a obra dos nossos colonos, percebe-se uma adaptação ao ambiente, uma atitude engenhosa nos trabalhos que não se conhece em gente de outras nações.³⁷

Percebemos no livro de Ranieri um esforço de equiparação dos colonos italianos com os alemães, atribuindo as mesmas qualidades do trabalho a ambos – a do imigrante europeu – e inferiorizando a partir das relações de trabalho outras etnias luso-brasileiras e afro-brasileiras. A relação entre os colonos alemães e italianos é destacada como uma relação de alteridade, pois ao mesmo tempo em que o viajante italiano ressalta as qualidades alemãs, o “progresso econômico” e a “civilização”, destacando que foram viabilizados em virtude do planejamento e do capital alemão, refere-se aos italianos como sendo mais ignorantes devido à falta de ajuda, sem escolas, o que podemos interpretar tanto do governo italiano quanto do governo brasileiro. Mas salienta que esse é um estado “transitório”, e que em breve essa situação se modificará, devido a uma “atitude engenhosa nos trabalhos”. Essa visão de uma etnicidade superior às demais, foi, como vimos, uma construção cultural de afirmação de uma superioridade racial era partilhada por um grupo que possuía objetivos econômicos, políticos e sociais no projeto de colonização.

Considerações finais

³⁷PESCIOLINI, Ranieri Venerosi. As colônias italianas no Brasil Meridional. *Revista Blumenau em Cadernos*. Vol. 50, n. 4, p.7-20. Jul./ago. 2009, p. 13, grifos meus.

No estudo das fontes de literatura de viagem das últimas décadas do século XIX, verificamos que os autores em viagem, na relação com a população local, procuravam estabelecer uma boa imagem, em geral, das colônias visitadas. Como escreviam a pedido de jornais ou periódicos em seu país de origem, interessados em fomentar a emigração para o sul do Brasil, demonstravam conhecimento a respeito da vida, da economia e dos aspectos cotidianos dos colonos que aqui viviam. Mesmo assim, alertavam sobre o “trabalho pesado”, marcadamente agrícola, que vigorava nas colônias.

Destacavam que o bom “progresso” das colônias era fruto do pioneirismo alemão no projeto de colonização, principalmente por causa da superioridade germânica ligada ao trabalho, à disciplina e a uma ética da economia. Estabelecem uma relação de superioridade na comparação com outras etnias, como italianos, luso-brasileiros e afro-brasileiros.

A relação entre identidade étnica e progresso econômico é evocada, portanto, em vários relatos da época e dão uma clara ideia de superioridade econômica, que se reveste de uma ideologia nacional que busca criar um consenso de que o trabalhador teuto-brasileiro é superior. O discurso do trabalhador incansável, pelo viajante em seu livro, é reforçado como aspecto positivo como um modelo de conduta a ser valorizado.

Assim, a construção ideológica do trabalhador ideal – aquele incansável, assíduo, regenerador da moral do trabalho e da disciplina – está ligada à ascensão de alguns imigrantes que acumularam capitais através do comércio de importação e exportação, constituindo como classe hegemônica. Esse discurso perpassa a literatura de viagem do período, como vemos no caso de Hugo Zoelete, Robert Gernhard e Ranieri Venerosi Pesciolini, que tinham como objetivos despertar o interesse pela emigração para o sul do Brasil.

Referências bibliográficas

GENHARD, Robert. Impressões de viajantes. O Município de Blumenau (1900). *Revista Blumenau em Cadernos*. Tomo XXXIX, nº 11/12, novembro/dezembro de 1998.

HERING, Maria L. R. *Colonização e indústria no vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento*. Blumenau: Editora da FURB, 1987.

HOBSBAWN, Eric. *A era do capital*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KLUG, João. Imigração no Sul do Brasil. In: *O Brasil Imperial. Vol. II (1870-1899)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, pp. 201-231.

LEITE, Miriam Moreira. *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1984.

MACHADO, Paulo P. *A política de colonização do Império*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999.

PESCIOLINI, Ranieri Venerosi. As colônias italianas no Brasil Meridional. *Revista Blumenau em Cadernos*. Vol. 50, n. 4, p.7-20. Jul./ago. 2009.

RICHTER, Klaus. *A Sociedade Colonizadora Hanseática de 1897 e a colonização do interior de Joinville e Blumenau*. Blumenau. Florianópolis: Ed. da FURB/Ed. da UFSC, 1992, 88p.

SEYFERTH, Giralda. *A colonização no Vale do Itajaí-mirim*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1999.

_____. A dimensão Cultural da Imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 2002, vol. 26, nº 77, p. 47-62.

_____. A representação do “trabalho alemão” na ideologia étnica teuto-brasileira. *Boletim do Museu Nacional – Antropologia*, nº 37, 1982, p. 1-33.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento Econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife*. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

WOLFF, Cristina S. Mulher alemã, mulher trabalhadeira. *Blumenau: Blumenau em Cadernos*, Tomo XLV, nº 09/10, Setembro/Outubro, 2004, p.75-96.

ZOELLER, Hugo. Os alemães na floresta brasileira. *Revista Blumenau em Cadernos*. Fundação Cultural de Blumenau, vol. 5, 1990.